

*Estudos Literários & Comparados***UMA NOTA FILOLÓGICA NA DISPERSÃO ARQUIVÍSTICA DA *LIMANA*,
DE LIMA BARRETO***Arivaldo Sacramento de Souza**

RESUMO: Ainda em vida, Lima Barreto enfrentou diversos obstáculos para publicação de obras e, até mesmo, de textos em periódicos mais especializados ou em jornais de ampla circulação. Foi crítico de muitos editores e tipógrafos que o aborreceram muito com erros dos textos por suposta incompreensão de sua letra. Após a sua morte, sua biblioteca foi dispersada e, anos mais tarde, recuperada pelo seu primeiro biógrafo que, juntamente outros intelectuais da palavra, ajudaram a recompor a circulação de Lima Barreto. Neste artigo, discutimos de que maneira a dispersão arquivística de autorias negras tornam as pesquisas de fontes primárias urgentes para construção de argumentos que amplifiquem a fortuna editorial e crítica. Para isso, usamos, como caso paradigmático, os manuscritos preservados na Biblioteca Nacional, seção de Manuscritos, especificamente a Coleção Lima Barreto; a edição do *Diário Íntimo* do autor; e, por fim, o fac-símile do *Inventário* também presente na Coleção referida. Com isso, investimos numa leitura filológica que buscou cotejar os manuscritos e o impresso para entender a política editorial definida desde a primeira edição do *Diário*. Assim, conseguimos compreender que o *Diário* é uma composição editorial trilhada a partir de índices deixados pelo autor, mas, sobretudo, assumidos pelos editores que investiram na providência de criar uma série textual cronologicamente estabelecida, a fim de dar coerência a papéis que o próprio autor não considerava como dentro de uma cadeia textual.

PALAVRAS-CHAVE: Crítica Filológica; Lima Barreto; *Diário Íntimo*; Crítica Textual; Manuscritos.

1 Nota filológica

Os estudos filológicos sempre foram fiadores de fontes primárias fidedignas capazes de trazer paz a estudiosos que almejam trabalhar um texto que tenha sido estabelecido criticamente. De fato, a atmosfera que envolve qualquer tipo de pesquisa de fontes primárias é a da incerteza, uma insegurança com a leitura histórica dos dados. Por isso, a Filologia desenvolveu – diante das desconfiâncias em torno das tradições textuais bíblicas e da necessidade de cultivo das letras clássicas – metodologias positivistas de restauro, resgate, reconstrução... do texto, tal qual saíra da “pena do autor”, como defendeu Segismundo Spina em 1970, em seu manual de “Edótica”.

* Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor Adjunto III da Universidade Federal da Bahia.

Esse imaginário é fruto de duas situações que tocam, direta e indiretamente, o tema sobre o qual vamos tratar. De um lado, a dispersão textual cuja consequência é também a multiplicidade de cópias, provocada pelos diversos processos de circulação; de outro, uma tentativa de ler essa materialidade difusa a partir da cosmogonia chamada de platônica pelos pós-estruturalistas a partir de noções como original e autoria, típicas da metafísica euro-ocidental. Diante dessa tensão, a Filologia passou a ser uma disciplina da correção dos textos e da atribuição do valor de verdade, muitas vezes exercendo em sua ética uma moral cristã que, como já dissemos, outrora lhe serviu de balbúcia teórica-metodológica. Não é à toa que reconhecemos na nossa concepção de texto, elementos absorvidos pelas metáforas cristãs na conceptualização de texto, sobretudo aquelas que vêm da sacralidade das “Escrituras”.

É fato que as teorias e críticas da literatura e da cultura na contemporaneidade apresentaram a partir da década de 1960 uma crítica contumaz às noções de autoria e de representação, mas acerca da noção de texto permaneceu uma ideia solidamente estruturada e que, dada a abstração da noção, permanece impalpável para o debate contemporâneo. Texto ainda é texto abstrato, dotado de uma aura de unidade, autoridade, um todo coerente, aristotelicamente conformado em começo, meio e fim ou construído pela comunidade. Muitos poucos trabalhos – exceto aqueles que lidam diretamente com fontes primárias, tais como estudos de crítica genética, história da literatura etc. – trazem para o seio de suas análises o problema da diversidade de cópias existentes de um mesmo texto, especialmente quando essas cópias trazem lugares de divergência, chamados no jargão da Crítica Textual de “lugares de Crítica”.

Mais recentemente, no território da literatura brasileira, vimos sacudir questões em torno das edições de *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus. A vulgata traz uma versão do diário manuscrito da escritora, com a promessa de correções de natureza formal, mas, quando estabelecemos o cotejo para aferir – digamos – a saúde do processo de editorial, verificamos que há um número representativo de supressões, deslocamentos, acréscimos e correções que não foram anunciados nos critérios. Reconhecemos que a mão do editor perpetrou a mão da autora. Esse trabalho está sendo realizado por Verônica Souza na tentativa de entender a história do processo de edição e difusão do manuscrito que retoma o fôlego textual de Maria de Jesus.

Tal situação gerou insegurança entre os leitores da edição *ad usum delphini* elaborada pelo editor e, diante disso, uma necessidade fecunda de se fazer justiça e retomar o verdadeiro texto de Jesus. Ambas as reações são concepções ainda derivadas da metafísica do texto abstrato, entretanto não podem ser compreendidas desde o mesmo lugar. Por um lado, o

clima de insegurança gerado pelos feitos do editor anunciam a instabilidade textual e histórica de um texto que circula socialmente com intensidades diversas; de outro, a edição para fins pessoais produzida na vulgata, sem o anúncio de seus propósitos e intervenções, como exemplifica Verônica Souza, não pode ser compreendida senão como erro, sobretudo pela falta ética editorial, uma vez que tudo isso comprometeu a complexidade textual e a variabilidade temática da narrativa da escritora. Assim, entre a vulgata e a necessidade de corrigi-la, é preferível compreender *Quarto de Despejo* como um artefato histórico fruto de uma acolhida de uma determinada elite intelectual encantada pela imagem da “favelada escritora”, como se entre as pessoas da favela só houvesse cognoscência entre aqueles que forjaram seu processo de letramento escrito. À parte isso, a leitura dos manuscritos tem trazido renovação para os argumentos críticos produzidos por meio da literatura de Carolina Maria de Jesus.

Parece, então, que rever os bastidores da criação e rever os arquivos constitui um procedimento inversamente proporcional àquele com que a Filologia Clássica e Nacionalista se investiu. Em outras palavras, em lugar de forjar um texto único para atender à demanda da lógica de leitura e crítica de literatura que precisa de um texto acabado e uno, uma Filologia do Arquivo será aquela que abrirá à leitura crítica a diversidade documental, historicizando as cópias, os textos editados, as publicações e toda sorte de materialidade que ajude a repensar o texto. Daí, a crítica que podemos fazer com tudo isso gostamos de chamar de crítica filológica. Aliás, é este um dos caminhos propostos por Edward Said ao propor o retorno dos estudos literários à Filologia, isto é, a compreensão da disputa de sentidos históricos produzidos pelas camadas textuais historicamente mobilizadas por diferentes subjetividades.

Se além de Carolina M. de Jesus recuarmos mais um pouco para os contextos do primeiro quartel do século 20, o problema editorial de Lima Barreto parece-nos paradigmático para pensar as tensões existentes em pelo menos três grandes campos que eu separei para esta discussão, mas que são impossíveis de serem pensados de modo diferenciado. Trata-se do (i) problema racial, no contexto das letras da república, especialmente do (ii) mercado editorial, e dos (iii) problemas editoriais das obras de Lima Barreto. Para pensar tudo isso, transitamos a partir de três documentos principais: (i) os manuscritos reunidos em torno da edição de seu *Diário Íntimo*; (ii) o manuscrito do *Inventário da Limana* (nome da Biblioteca de Lima Barreto); e (iii) o rascunho precoce para uma Clara dos Anjos oitocentistas. Todos os documentos citados foram conseguidos a partir da Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional, tanto aqueles que estão digitalizados na Biblioteca Digital BN, como aqueles cujos microfimes foram lidos *in loco*.

2 VARIA QUEIXAS

O repertório crítico de Lima Barreto costuma ser lido e reforçado por biografias como a produzida com Lilia Schwartz com o título *Triste Visionário* como metáfora queixosa, sentimental e ressentida, de alguém que, muito idealista, perdeu-se em tristeza. Reduzir a crítica em queixa parece ser o artifício de boa parte da recepção crítica como aquela que fez Sérgio Buarque de Holanda, prefaciador da edição de 1956, de Clara dos Anjos. Citamos: “A obra desse escritor é, em grande parte, uma confissão mal escondida, confissão de amarguras íntimas, de ressentimentos, de malogros pessoais, que nos seus melhores momentos ele soube transfigurar em arte” (HOLANDA, 2012. p.35-47).

Na crônica *Esta minha letra*, publicada no periódico *Gazeta da Tarde*, em 28 de junho de 1911, Lima Barreto diz:

A minha letra é um bilhete de loteria. Às vezes ela me dá muito, outras vezes tira-me os últimos tostões da minha inteligência. Eu devia esta explicação aos meus leitores, porque, sob a minha responsabilidade, tem saído cada coisa de se tirar o chapéu. Não há folhetim em que não venham coisas extraordinárias. Se, às vezes, não me põe mal com a gramática, põe-me em hostilidade com o bom senso e arrasta-me a dizer coisas descabidas. [...].

Aqui já saiu um folhetim meu, aquele que eu mais estimo, “Os galeões do México”, tão truncado, tão doido, que mais parecia delírio que coisa de homem são de espírito. Tive medo de ser recolhido ao hospício....

Que ela me levasse a incorrer na crítica gramatical da terra, vá; mas que me leve a dizer coisas contra a clara inteligência das coisas, contra o bom senso e o pensar honesto e com plena consciência do que estou fazendo! e não sei a razão por que a minha letra me trai de maneira tão insólita e inesperada. Não digo que sejam os tipógrafos ou os revisores; eu não digo que sejam eles fazem escrever a exposição de palavras sinistras - quando se que me tratava de exposição de projetos sinistros. Não, não são eles, absolutamente não são eles. Nem eu. É a minha letra.

Estou nesta posição absolutamente inqualificável, original e pouco classificável: um homem que pensa uma coisa, quer ser escritor, mas a letra escreve outra coisa e asnática. Que hei de fazer?

Eu quero ser escritor, porque quero e estou disposto a tomar na vida o lugar que colimei. Queimei os meus navios; deixei tudo, tudo, por essas coisas de letras. (BARRETO, 2010, p. 551-555).

Essa passagem retrata bem o processo de atenção e apreensão com que Lima Barreto tinha com os textos que circulavam sob sua assinatura. Nessa crônica, o autor joga com a polissemia da palavra letra que, em alguns contextos, pode ser entendida como grafema em franca relação com a ortografia e, em outros, diz respeito ao saber, ao conhecimento adquirido pela linguagem, ou ao seu próprio tema. É importante compreender o nível de oscilação textual a que as publicações dos primeiros anos do século 20 estavam suscetíveis, mas também a dificuldade de compreender as letras de Lima, sobretudo quando ele produzia suas

críticas. Esse processo, confessa o escritor, parece colocá-lo nesse lugar de sujeito sem razão, que não é são e que, portanto, deveria ser recolhido ao hospício por não dominar suas letras.

A persistência de sua crítica, recepcionada e circunstanciada por uma metrópole republicana hostil àqueles que eles não conseguiram fazer retornar em pleno contexto de pós-abolição, levou-o ao enrijecimento da fórmula que apostamos mais acima: a crítica – a complexidade intelectual de homem negro de Lima Barreto – foi consolidando-se como costume queixoso, de quem se repete em amarguras. Daqui ainda se consegue ouvir – permitimo-nos uma metáfora –, sobretudo em pesquisas que não discutem a dimensão racial na literatura barretiana, ecos de opiniões que declinam o escritor em lamúrias.

Ainda nesse texto, vemos a transição da crítica ao descuido de editores e de tipógrafos – com severa ironia produzida – que justificam seus erros por causa das letras de Lima Barreto para os “conselhos” daqueles que pedem que ele mude de letra e de Letras:

Abandonar o propósito; deixar a estrada desembaraçada a todos os gênios explosivos e econômicos de que esses Brasis e os políticos nos abarrotam?

É duro fazê-lo, depois de quase dez anos de trabalho, de esforço contínuo e - por que não dizer? de estudo, sofrimento e humilhações. - Mude de letra, disse-me alguém.

É curioso. Como se eu pudesse ficar bonito, só pelo fato de querer.

Ora, esse meu conselheiro é um dos homens mais simples que eu conheço. Mudar de letra! Onde é que ele viu isso? **Com certeza ele não disse isso ao senhor Alcindo Guanabara, cuja letra é famosa nos jornais, que o fizesse; com certeza, ele não diria ao senhor Machado de Assis também.** O motivo é simples: o senhor Alcindo é o chefe, é príncipe do jornalismo, é deputado; e Machado de Assis era grande chanceler das letras, homem aclamado e considerado, ambos, portanto, não podiam mudar de letra; mas eu, pobre autor de um livresco, eu que não sou nem doutor em qualquer história - eu, decerto, tenho o dever e posso mudar de letra. (grifo nosso)

A concepção de letras apresentada nesse fragmento alcança para nós a melhor definição dos contornos do discurso literário de Lima Barreto. Sua escrita traz um lugar ontológico urgente, sobretudo para a crítica política, social e cultural da qual é impossível descomprometer-se, é o devir negro no pós-abolição. E ele diz: “Como se eu pudesse ficar bonito, só pelo fato de querer”, numa expressão que traduz aquilo a que ele veio a ser dentro das impossibilidades previstas para ele fosse. Não poderia pactuar e recolher seus textos de homem credor da república das Letras que jamais admitiu mudar de Letra.

Por mais esforços que tenham surgido para associar o processo de criação de Lima Barreto ao despautério e à confusão, cujas imagens de alcoolista e louco são as principais representações, o laboratório de criação barretiano, isto é, seu acervo, composto por uma

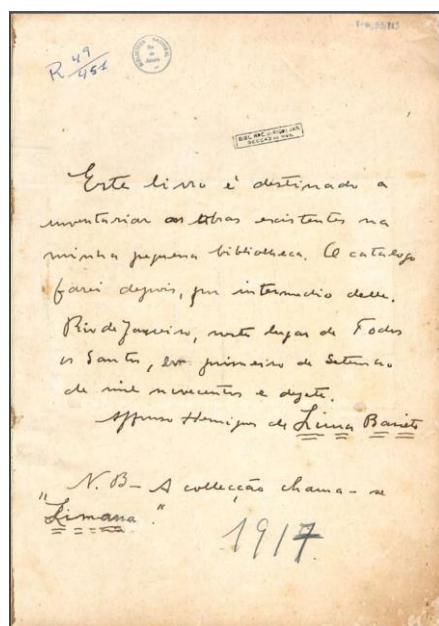
biblioteca e por um conjunto documental organizado, dão provas do contrário e fiam a palavra do escritor que trabalhou anos com esforço contínuo.

Conseguimos verificar isso em seu *Inventário* da biblioteca, único documento que atesta a distribuição de seu acervo bibliográfico-documental, a organização por estantes, mesas e cadeiras de sua casa no subúrbio carioca de onde lia, dormia e acordava o mundo, na Rua Major Mascarenhas, mas logo noutra endereço. Vale advertir que não podemos pensar num Lima Barreto representante do subúrbio ou dos espaços letrados do centro da cidade do Rio de Janeiro. Ao transitar entre esses espaços, sentia-se deslocado. A favela não venceu e a que lá está registrada é severamente lida como um problema social e racial da República. O esforço de Lima foi o de percutir os dilemas, contradições e certezas, algumas incorporadas do discurso hegemônico que ele mesmo reproduzia.

Os diversos títulos dão mostras de um interesse diverso sobre antiguidade clássica, história da África, como a *L'Afrique Noire*, de O. Megnier, diversos livros de literatura brasileiro, tais como os de Machado de Assis, Cláudio Manoel da Costa, além de títulos de ciências sociais, filosofia, artes, história da América, do Ocidente... enfim, um acervo diverso, organizado a que ele dava o nome de *Limana* e para ela encomendou seu *ex-libris* cuja explicação temática pode ser lida em seu texto *Amplius!*, a que não vamos referir.

O inventário é um documento de 74 páginas, medindo 29 x 20 cm, com um termo de abertura que vale a citação para que entendamos a dimensão do significado e potencial gestão do patrimônio bibliográfico do autor, observemos o fac-símile do termo referido, já que a ideia era transformar seu inventário em um catálogo:

Figura 1 – Termo de abertura do Inventário da *Limana*



Fonte: INVENTÁRIO, 1917, f. 1

Este livro é destinado a inventariar as obras existentes na Minha pequena biblioteca. O catalogo Farei depois, por intermédio dele. Rio de Janeiro, neste lugar de Todos os Santos, em primeiro de Setembro de mil novecentos e dezete

Affonso Henriques de Lima Barreto

N.B – A coleção chama-se "Limana"
1917

Queremos destacar aqui o conjunto de papéis posicionados “em cima das estantes e das mesas”, numa seção em que ele chamou de “Manuscritos e Originais”. Nela constam, as seguintes informações, que transcreveremos ao lado do fac-símile para que tenhamos ideia da materialidade de que é composta o livro. Trata-se de um caderno com pauta com a distribuição prévia de cinco colunas feitas em linhas vermelhas duplas. Dessas apenas 4 são preenchidas previamente desde a impressão, com as seguintes informações: “local”, “n(úmer)os”, “collectados” e “clas(se/sificação)”. Lima Barreto não respeita muito os limites da pauta e das colunas, ele ignora especialmente as colunas e respeita um pouco mais as linhas, dando outro sentido ao suporte, num gesto que demonstra a pressa, mas também apreço. Observemos:

Figura 2 - Manuscritos e originais na *Limana*

Local	Nº	COLLECTADOS	CLAS
69			
<u>Manuscritos e originais</u>			
I		Clara dos Anjos, romance meu (inédito e incompleto) (1904)	
II		Recordações do Escrivão Isaías Caminha, romance meu (publicado em 1909, a 1ª edição; em 1917, a 2ª edição)	
III		Policarpo Quaresma (romance e poema) publicados no jornal do Comércio, ed. da tarde, 1911; e em livro, 1916	
IV		Numa e a Ninfa (romance meu), publicados no jornal do Comércio, ed. da tarde, 1911; e em livro, 1917	
V		Originais publicados –	
VI		Originais a aproveitar –	
VII		Papéis vários	

Fonte: INVENTÁRIO, 1917, f. 62

Desse trecho, vale a pena chamar atenção para o cuidado com os manuscritos a que ele chamou de originais que, conforme a descrição aparecem sistematicamente relacionados e passados a limpo. Podemos supor que sejam esses os manuscritos que estejam sob guarda da Seção de Manuscrito da BN. Merece destaque também a data atribuída a *Clara dos Anjos*, publicado em folhetim somente em 1923, mas que aparece datado como inédito e incompleto desde 1904. Parece-nos possível pensar que o romance *Clara dos Anjos* é um grande projeto do escritor que parece ter movimentado o tecido literário por mais de quinze anos pelo menos. É um romance em suspenso... cuja publicação não chegou a ver.

Mais à frente, de V a X, Lima Barreto enumera:

- V – Originais Publicados
- VI – Originais a Aproveitar
- VII – Papéis vários
- VIII – Originais a Organizar
- IX – Originais a aproveitar
- X – Numa e a Ninfa (em provas revistas)

Essa parte é possível ver uma gramática complexa de seus papéis, cuja disposição lógica, o valor, os sentidos parecem não se apresentar de maneira muito razoável. Teria sido dessa seção que editores teriam lançado âncora para construção de um *Diário Íntimo* e de seus demais livros póstumos? Não podemos afirmar completamente, mas, de qualquer forma, a edição desse livro está atravessada por questões do juízo editorial que reordenou os textos, produziu unidade, coesão, coerência e biblioinstitui manuscritos em Obra.

Um desses papéis, contemporaneamente disponíveis na Seção de Manuscrito da Biblioteca Nacional do Brasil (BN), foi inserido no *Diário Íntimo*. A primeira inferência vem do fato de um depoimento de Antônio Houaiss de 1975 que, em uma fala pública em um evento, afirmou:

O texto se apresenta ao preparador em todas as hipóteses possíveis. Não vou omitir a mais risonha que tive na vida, que foi quando recebi uma caixa, fechada havia trinta anos, com folhas amareladas, algumas manchadas de café, outras possivelmente ainda recendendo a cachaça, do meu venerando Lima Barreto. Era uma caixa que ninguém tivera a coragem de jogar fora, porque parecia conter um diário. E diário de um sujeito que, qualquer que fosse o grau de pileque, dava as impressões do dia, recordava-se de coisas, ou tomava apontamentos do que lhe vinha à mente. Sessenta por cento das folhas estavam datadas. Era o arcabouço de um belíssimo diário, dos mais fiéis possíveis. Muito provavelmente, eram apontamentos para serem aproveitados em uma futura obra de ficção. Era um diário na sua mais integral intimidade, de si para si. Havia um esboço de livro, de uma pessoa cuja importância literária é grande. [...] E ler Lima Barreto naquele estado não era fácil. Era um trabalho de paleografia, para o qual o preparador de textos não tem condições no mundo moderno. [...] Mas, uma vez de posse da coordenada, foi possível fazer aquela datação e preparar o texto com todas as normalizações subsequentes que comportasse, às vezes com grande segurança. Na intercalação entre os dias 6 e 16, por exemplo, não ocorria texto, mas aparecia um que se situava perfeitamente ali: era colocado como uma hipótese, com um ponto de interrogação na parte relativa à datação. (HOUAISS, 1975, p. 2 apud ARAÚJO, 2012, p. 185, grifo nosso).

Se então, assumirmos que a caixa a que Houaiss tivera acesso para elaborar um *Diário* é, a rigor, o conjunto de papéis identificados por Lima Barreto em seu *Inventário* como suas anotações, provas, textos inacabados... precisamos aceitar que se trata de um processo de criação editorial do filólogo que biblio-instaurou em texto uno, coeso e coerente um conjunto de materialidades textuais diferentes que não pressupunham uma linearidade sintagmática como desejava o Filólogo operar. Mesmo assim o fez. Além de Houaiss, podem ter constituído essa edição Manuel Cavalcanti Proença e Francisco Assis Barbosa, quando sob a liderança deste, reorganização das *Obras* de Lima Barreto, em 1956, pela Editora Brasiliense. É nessa direção que Welber Trindade começará a investigar a operação filológica que resultou na criação de outros textos póstumos, como é o caso de *Cemitério dos Vivos* e *Diário do Hospício*, uma vez que precisamos entender a dinâmica que se estabeleceu quando os papéis a organizar

e a aproveitar, foram cadenciadamente costurados em sequência, produzindo uma nova legibilidade instituída pela forma do livro, na dimensão das páginas. Dessa vez, não foram nem os tipógrafos, nem os revisores a inflamar as Letras de Lima Barreto, mas seus editores.

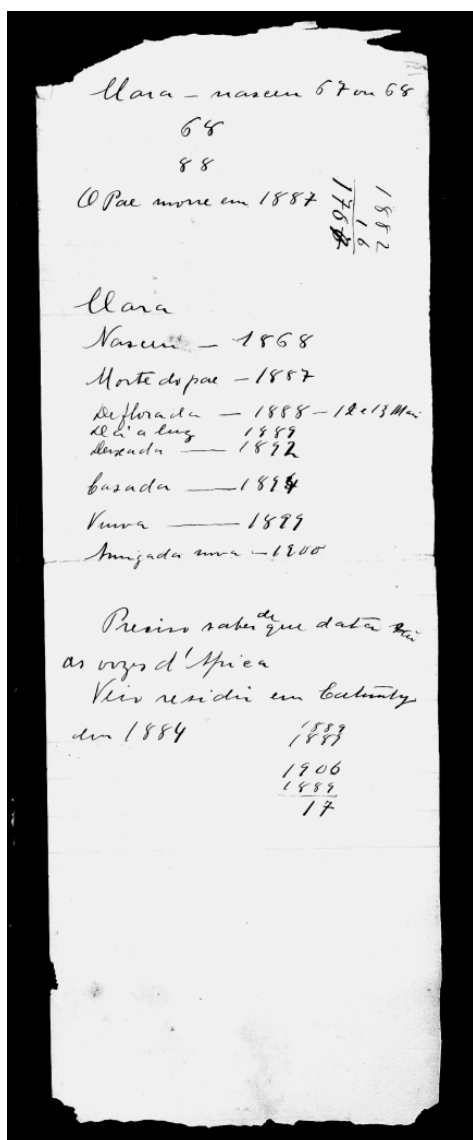
Mas – retomando aqui o manuscrito que dissemos que foi inserido no *Diário Íntimo* –, podemos perceber mais algumas questões importantes dessa fatura. O cotejo do fac-símile com o texto editado e publicado mostra algumas passagens que não foram consideradas pelos editores. As primeiras linhas não são transcritas, a saber: “Clara – nasceu 67 ou 68 | 68 | 88 | O pae morre em 1887”¹. Ao lado, na margem superior direita, há, supomos ainda, uma operação matemática. Observem:

Figura 3 - Cotejo entre a edição e o manuscrito

Fac-símile da BNDigital

Diário Íntimo

¹ As barras, nesta transcrição, indicam mudança de linha, isto é, o processo de anotação translinear.



1903

Época: 1874 a 1905

Clara

Nasceu.....1868

Morte do pai.....1887

Deflorada.....1888 (12 ou 13 de maio)

Dá à luz.....1889

Deixada.....1892

Casada.....1894

Viúva.....1899

Amigada de novo.....1900

Preciso saber de que data são as Vozes d'África.

Veio a residir em Catumbi em 1884.

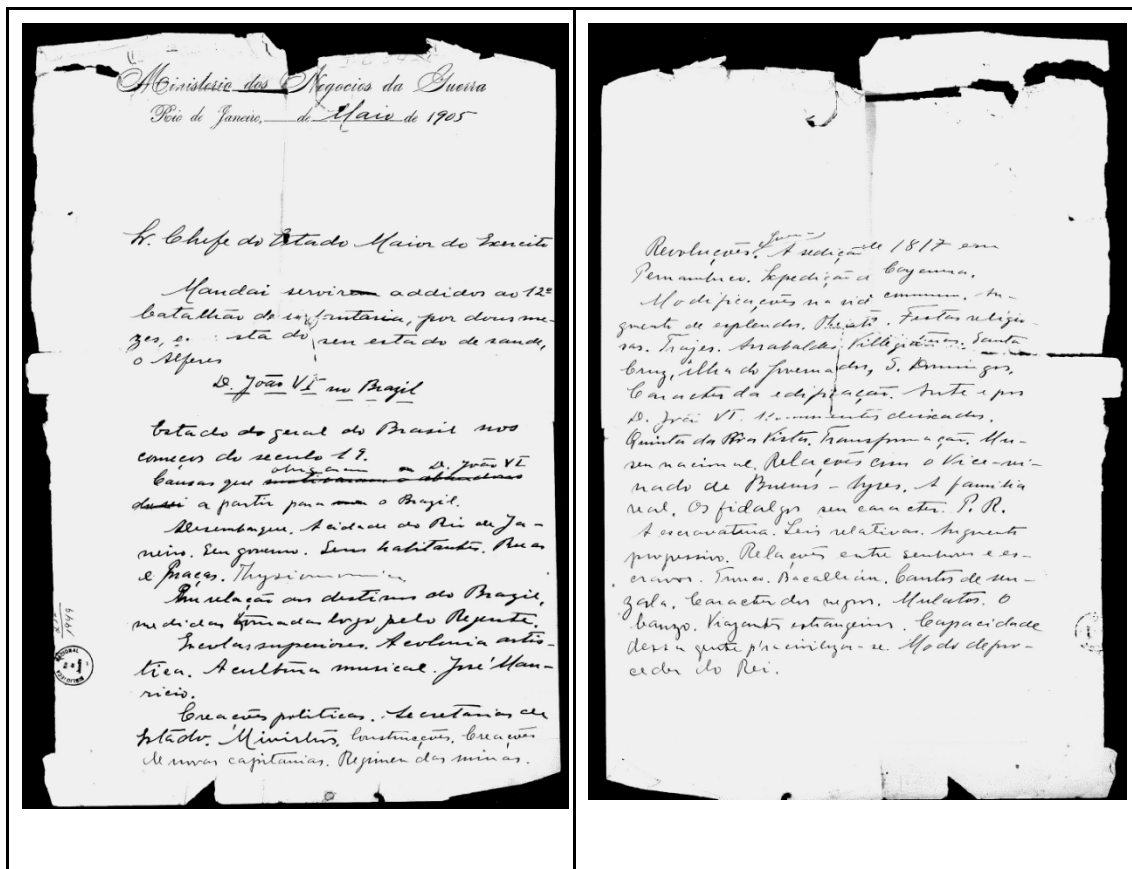
Fonte: BARRETO, [190-?]; BARRETO, 2018, p. 475

Esse manuscrito sem datação está reunido no conjunto de documentos relativos à Clara dos Anjos, trata-se do Documento - 43 (BARRETO, [190-?]), sob a cota I-6,34,910, da Coleção Lima Barreto, em que podemos ver 10 recortes de “planos e notas”, relativos ao romance. As dimensões dessas notas aparentam grande irregularidade: há papéis mais estreitos, tipo notas de caderneta longa, papéis mais largos que se assemelham a folhas soltas, papéis com pauta e sem. Ademais, o peso da letra, a inclinação e o grau de encadeamento variam muitíssimo. Não é possível pensar que haja uma unidade temática, nem podemos dizer que se trata de um conjunto cujo ordenamento é orgânico, tampouco pertençam diretamente a Clara dos Anjos, inclusive os documentos finais trazem o timbre do Ministério dos Negócios da Guerra, em que Lima Barreto fez uma série de anotações, datadas de “maio

de 1905”, dirigindo-se ao “Sr. chefe do Estado Maior do Exército”, indicando cuidados com adidos ao 12º batalhão de infantaria; além disso, há notas reunidas sob o título “Dom João VI no Brasil”.

Os suportes utilizados nesse conjunto de documentos relativos ao “Romance IV”, como etiqueta a BN, são diversos. Um exemplo disso, são as folhas finais com o timbre do referido Ministério que remete ao cargo de escriturário para o qual Lima Barreto prestou concurso em 1904 e onde permaneceu até se aposentar.

Figura 4: Fac-símile do suporte *Ministério dos Negócios da Guerra*



Fonte: BARRETO, 1905

Ao cotejarmos esse manuscrito com a edição do *Diário Íntimo* (1953), vemos também ações editoriais importantes em seu processo de transmissão do manuscrito ao livro. É que a primeira parte do documento, o recto onde consta o timbre com a data tópica do documento, não é transcrita pelo editor, a saber: “Ministério dos Negócios da Guerra | Rio de Janeiro, ____ de Maio² de 1905 || Sr. Chefe do Estado Maior do Exército || Mandai servi-rem addidos ao 12º batalhão de infantaria, por dous mezes, [?] sta do seu estado de saude, |

² Em itálico, somente nesta linha, foi representada a escrita à mão de Lima Barreto.

o Alferes”³. Não há qualquer aviso em notas, é como se Barreto não tivesse escrito ou tivesse aproveitado o papel a partir da parte em que há o título “D. João VI no Brazil”. Pode ter sido uma escolha, mas é esta, sem dúvida, mais uma prova do processo de forja do texto barretiano segundo o *iudicium* (juízo) dos editores.

Assim como aconteceu com o pequeno rascunho para Clara, parte das notas escritas sob o timbre do Ministério da Guerra também foram integradas ao *Diário Íntimo* novamente fora da sequência disponibilizada pela Seção de Manuscritos da BN, que - é bem verdade - não sabemos se são orgânicas ou não, se possuem unicidade ou não. Seja Houaiss, Assis ou Cavalcanti, o depoimento do primeiro é bastante intrigante e parece modelar para compreendermos o manuseio de seus papéis no bibliofabrico de uma narrativa acolhida pela forma discursiva do romance (*Diário Íntimo*) ou, se preferirem, de uma narrativa.

É fato que, como filólogo, Houaiss notou problemas editoriais que acometiam os trabalhos de Lima Barreto. Tal questão foi observada por Armando Gens, em sua pesquisa sobre a performance editorial de A. Houaiss. Ele diz:

A má vontade da crítica para com o estilo e a linguagem do autor de Clara dos Anjos, segundo o filólogo, explica-se, ainda, através de fatos exteriores à criação artística. Antônio Houaiss denuncia que as edições das obras, de Lima Barreto, em seu conjunto, não recebiam um tratamento editorial digno, porque entregues a editores de segunda monta, que, não raro, violentavam os traços distintivos da linguagem do autor. Sublinha que a primeira vez que os textos de Lima Barreto receberam tratamento escrupuloso foi na edição das obras completas publicadas sob rótulo da editora Brasiliense. **Outro fator externo que dificultou, sobremaneira, a impressão das obras era a péssima letra do autor, que se exacerbava nos momentos de exaltação, quer por força do ímpeto respiratório, quer do ímpeto dipsomaniaco do fim da vida.** Tomando para si a missão de desautorizar o preconceito que rondava a obra de Lima Barreto, o filólogo confia que o cronista carioca, não afeito às revisões, deixou grande parte da obra produzida na primeira redação, embora estivesse sempre pronto, como as inúmeras vezes a que procedeu “às chamadas correções parciais” [10], a melhorar seus escritos, trabalhando texto sobre texto. É importante que se diga que Antônio Houaiss lê a obra de Lima Barreto do ponto de vista da ecdótica, pois reconhece o impacto do autobiográfico na criação das obras e a correspondência entre a criação e a vivência experimental. (GENS, 2000, [sem paginação].

Embora o editor e o crítico reconheçam o problema da edição, ambos retomam a pauta da letra de Lima Barreto. Ao que parece, ainda que vejamos que o problema de ausência de cidadania negra no pós-abolição seja a explicação para o problema editorial em Lima Barreto, a culpa continua a recair novamente sobre ele, que escrevia mal e com “ímpeto dipsomaniaco” no fim da vida. Essa imagem é a mesma que aparece na fala de Houaiss citada por

³ Os operadores para transcrição são: | para marcar mudança de linha; || para marcar mudança de linha com espaço; [?] para marcar ilegibilidade; tachado simples para risco.

Emanuel Araújo em *A construção do livro*. Essa imagem perseguiu o escritor em vida, mas como vemos também depois de sua morte. Um grifo biográfico que será usado como operador crítico perturbador desde a leitura para fins editoriais de seus textos.

Essa ausência de cidadania negra (ALBUQUERQUE, 2009) pode ser flagrada em diversos textos escritos por Lima Barreto. Em um relato transcrito do *Diário Íntimo*, lemos a indignação do racismo republicano brasileiro:

26 de dezembro.

Hoje, comigo, deu-se um caso que, por repetido, mereceu-me reparo. Ia eu pelo corredor afora, daqui do Ministério, e um soldado dirigiu-se a mim, inquirindo-me se era contínuo. Ora, sendo a terceira vez, a coisa feriu-me um tanto a vaidade, e foi preciso tomar-me de muito sangue frio para que não desmentisse com azedume. Eles, variada gente simples, insistem em tomar-me como tal, e nisso creio ver um formal desmentido ao professor Broca (de memória). Parece-me que esse homem afirma que a educação embeleza, dá, enfim, outro ar à fisionomia.

Porque então essa gente continua a me querer contínuo, porque?

Porque... o que é verdade na raça branca, não é extensivo ao resto; eu, mulato ou negro, como queiram, estou condenado a ser sempre tomado por contínuo. Entretanto, não me agasto, minha vida será sempre cheia desse desgosto e ele far-me-á grande.

Era de perguntar se o Argolo, vestido assim como eu ando, não seria tomado por contínuo; seria, mas quem o tomasse teria razão, mesmo porque ele é branco.

Quando me julgo — nada valho; quando me comparo, sou grande.

Enorme consolo.

(BARRETO, 2018, p. 469)

Esse episódio de racismo reconhecido na própria tês por Lima Barreto serve para dar o tônus de sua experiência e sociabilidade. A avaliação social racializadora lê, aprioristicamente, a cor da pele e sua respectiva relação à negação da cidadania, ainda que estivesse o escritor e o Brasil em uma República. Mais à frente, noutro episódio, ele relata uma experiência, numa Secretaria do Governo:

Há dias, por motivos de minha profissão, fui obrigado a entrar na Secretaria de Estado das Relações Exteriores. Vestia-me mal, é fato; mas entrava certo de que era cidadão brasileiro, homem de algum cultivo, cumpridor dos meus deveres, e, sobretudo, protegido da crença que, tendo freqüentado uma dessas nossas escolas superiores, mereceria dos contínuos de lá o tratamento que se dá ao comum dos mortais. Enganei-me. Dirigi-me ao contínuo, no primeiro pavimento, que, com a habitual morgue dos altos e baixos funcionários, aconselhou-me que subisse. Até aí pisava no Brasil, agora, parecia-me, passava a fronteira. Dois contínuos, enfiados em amplas sobrecasacas pretas com botões dourados, ocupavam-se pavorosamente em cortar jornais, pregando os retalhos num livro em branco. Original ocupação dos contínuos da Secretaria do Exterior! [...]

(BARRETO, 2018, p. 523)

A crença de Lima Barreto na República e sua luta pelos direitos mais básicos atravessam várias de suas anotações, como a que trouxemos no excerto acima. Eis problema básico do pós-abolição: o não reconhecimento do negro como cidadão, demonstrado em faltas de

políticas de inclusão e de outras manifestações em prol da valorização das culturas africanas no Brasil. Disso, a sua escrita urgente; disso, a necessidade de pensar sua literatura como prática política; disso, a sua letra mordaz.

3 Bibliofaturas: modos de concluir

Na hipótese de admitirmos e de estarmos corretos sobre o processo de composição de o *Diário Íntimo* ser o resultado dos papéis que Lima Barreto tinha guardado em sua Limana, afirmamos que *Diário* é uma bibliofatura instituída pelos editores que deram, na palavra de Gens Filho (2000), “tratamento editorial digno”. Há vários indícios de que tenha existido um processo compósito, isto é, que a um diário foram adicionadas diversas folhas que fizeram render o volume da obra. A existência do diário pode ser notada através de uma única passagem que pode ter sugestionado a composição do livro:

“1903

Um Diário Extravagante

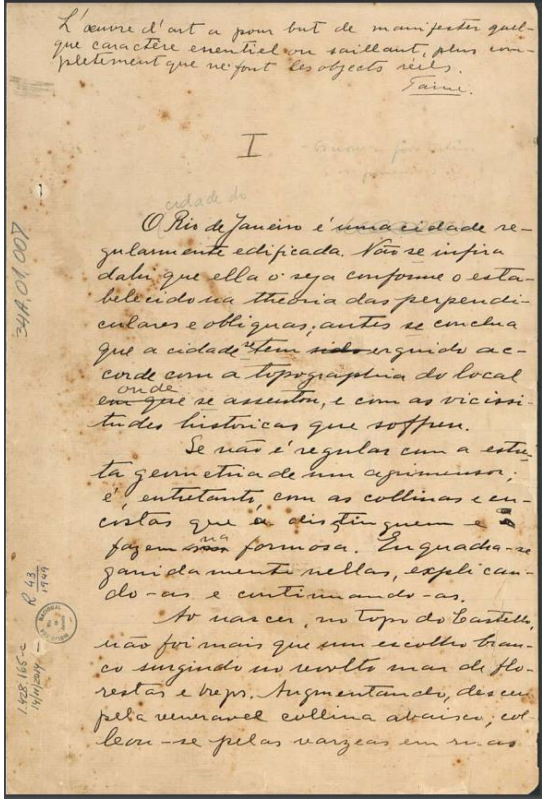
Eu sou Afonso Henriques de Lima Barreto. Tenho vinte e dois anos. Sou filho legítimo de João Henriques de Lima Barreto. Fui aluno da Escola Politécnica. No futuro, escreverei a História da Escravidão Negra no Brasil e sua influência na nossa nacionalidade.”

(BARRETO, 2018, p. 452);

Essa passagem não é a que abre o livro, o livro é iniciado com uma narrativa intitulada “Capítulo I”. Em seguida é que aparece a passagem acima, dando a entender que se trata de um “Diário Extravagante”. A anteposição da narrativa à passagem, que faz as vezes de termo de abertura, deve ter partido de elementos de datação interna do texto, os critérios paleográficos e críticos sobre os quais Houaiss se referiu.

Outro elemento que corrobora nossa perspectiva vem do fato de a versão incompleta que a aparece anotada por Lima no *Inventário*, qual seja: “I – Clara dos Anjos, romance meu (inédito e incompleto) (1904”, está presente também no *Diário Íntimo*, com as mesmas informações, que são:

Figura 5 - Um manuscrito inacabado de *Clara dos Anjos* dentro do *Diário Íntimo*

Fac-símile da primeira folha do manuscrito	Transcrição	Diário Íntimo
 <p>Fonte: BARRETO, [1904], f. 1</p>	<p>“L’oeuvre d’art a pour but de manifester quelque caractère essentiel ou saillant, plus complètement que ne le font les objets réels” Taine</p> <p>O [↑cidade do] Rio de Janeiro é uma cidade regularmente edificada. Não se infira dali que ella o seja conforme o estabelecido na theoria das perpendiculares e obliquas; antes se conclua que a cidade se tem erguido acorde com a topographia do local onde se assentou, e com as vicissitudes historicas que soffreu.</p> <p>Se não se regula com a estrutura geral de um aglomerado, e, entretanto, com as collinas e encostas que se distinguem e jogam sua formosa. Enquadra-se já a mente nellas, espli-cando-as e continuando-as.</p> <p>No nascer, no tempo do Castelli, não foi mais que um escolho traçado surgindo no revoltos mar de florestas e brejos. Argumentando, desce pela veneravel collina abacise; col-beu-se pelas varzeas em ruas</p>	<p>CLARA DOS ANJOS</p> <p>Primeira versão incompleta</p> <p>1904</p> <p>“L’oeuvre d’art a pour but de manifester quelque caractère essentiel ou saillant, plus complètement que ne le font les objets réels “ (Taine)</p> <p>I</p> <p>A cidade do Rio de Janeiro é regularmente edificada.</p> <p>Não se infira daí que ella o seja conforme o estabelecido na teoria das perpendiculares e oblíquas; antes se conclua que a cidade se tem erguido, acorde com a topografia do local onde se assentou e com as vicissitudes históricas que soffreu.</p> <p>(BARRETO, 2018, p. 614)</p>

Se praticarmos o exercício de colação entre o texto e o impresso, mais uma vez, encontramos uma abordagem editorial bastante interessante. O manuscrito parece ter sido datado a partir do inventário, pois não há, à primeira vista, nenhuma menção à data cronológica no manuscrito. Há apenas a informação do *Inventário* datando 1904. O texto é iniciado com uma citação de Hippolyte Taine, do livro *Philosophie de l'art*, que vai de encontro àquela chave de biografismo insistentemente repetida na leitura dos textos de Lima Barreto, a que aludimos quando citados o (anti-)prefácio de Buarque de Holanda. Segundo a epígrafe, a obra de arte manifesta algo mais essencial e saliente que o próprio objeto real. A perspectiva é de um programa literário que produza reais possíveis, salientes, que tragam à baila aspectos da vida frequentemente sublimados.

Ademais, o manuscrito apresenta pelo menos dois momentos: a primeira redação em tinta preta, convicta com rasuras que podem ser percebidas na cadeia sintagmática; e uma campanha de correção, em que há, em lápis, uma série de intervenções marcadas. Na edição

do Diário Íntimo, o trecho em destaque é apaziguado, e todas as correções são incorporadas como num passar a limpo. Além disso, há um processo de separação do parágrafo em outros dois, respeitando, entretanto, a divisão de períodos estabelecida pelo escritor.

Tais ações mostram que a finalidade da edição foi a socialização da produção artística do autor, muito embora o que foi feito para isso não considerou, nos critérios apresentados, a historicidade de cada papel. Desse modo, a nossa argumentação é a de que os elementos “manuscritos e originais” descritos no *Inventário* permite-nos inferir que foram reordenados de modo a construir uma coerência textual criada a partir do artifício filológico senão de Houaiss, aos moldes da tarefa crítico-filológica que orienta o Diário e a apreensão desse como forma discursiva de narrativa.

Seja pelas anotações a aproveitar de Clara dos Anjos, seja pela via dos textos dispersos que parecem ser textos-margem de um processo criativo intenso, o que temos em mão, desde a primeira publicação de *Diário Íntimo*, são os bastidores da criação, tal qual aparecem entre escritoras e escritores de diferentes alçadas. Esses textos tornados Obra precisam de ser, contemporaneamente, historicizados para que não nos apoiemos exclusivamente no encadernamento das notas. A edição analisada cumpre uma função determinante na divulgação de uma parcela da verve literária do escritor, mas também nos leva a estabelecer, pelos efeitos da Obra, uma cronologia que assume a coerência para textos necessariamente dispersos.

Não pretendemos aqui construir uma palavra de interdição sobre o *Diário Íntimo*. Cabe, contudo, entender os caminhos da construção do livro, observar o *modus operandi* dos editores filólogos, a fim de encontrar novas perspectivas editoriais que tragam à cena, outras leituras possíveis ou que sejam desvelados caminhos interpretativos ainda não explorados, devido às metáforas criadas pela impressão dos textos (manuscritos e originais), conduzidos à/em Obra.

A PHILOLOGICAL NOTE ON ARCHIVAL DISPERSION OF *LIMANA*, BY LIMA BARRETO

ABSTRACT: During his lifetime, Lima Barreto faced several obstacles to publishing his works and texts in more specialized periodicals or widely circulated newspapers. He was critical of many editors and typographers, who annoyed him greatly when they pointed out errors that were, in reality, *handwriting misunderstandings*. After his death, his library was dispersed, but years later, it was recovered by his first biographer, who, together with other intellectuals of the word, helped recomposing the circulation of Lima Barreto. In this article, we discuss how the archival dispersion of black authors makes primary sources research urgent for the construction of arguments that amplify the editorial and critical fortune. We used, as a paradigmatic case, the manuscripts preserved in the National Library, Manuscripts section, specifically the Lima Barreto Collection; the edition of the author's Intimate Diary; and, finally, the facsimile of the Inventory also present in the Collection mentioned above. We invested in a philological reading that sought to compare the manuscripts and the printed material in order to understand the editorial policy adopted since the Diary's first edition. Thus, we were able to realize that the Diary is an editorial composition traced from indices left by the author but, above all, assumed by the

editors who created a chronologically established textual series to give coherence to roles that the author himself did not regard as within a textual string.

KEYWORDS: Philological Criticism; Lima Barreto; Intimate Diary; Textual Criticism; manuscripts.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. *O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

[*INVENTÁRIO 1 set. 1917, Rio de Janeiro, de obras existentes na biblioteca de Lima Barreto.*]. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], 1917. 1 doc. (74 p.), 29 x 20 cm. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1589025/mss1589025.pdf. Acesso em: 27 set. 2022. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1589025/mss1589025.htm. Acesso em: 27 set. 2022.

ARAÚJO, Emanuel. *A construção do livro: princípios da técnica de editoração*. Rio de Janeiro: Lexicon, 2012. p. 185.

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. 10. ed. São Paulo: Autêntica, 2017.

BARRETO, Lima. "*Clara dos Anjos*". [S.l.: s.n.]. 10 recortes. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1428167/mss1428167.pdf. Acesso em: 28 out. 2021.

BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos - Romance, I*. [S.l.: s.n.]. 96 f. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1428165/mss1428165.pdf. Acesso em: 27 set. 2022.

BARRETO, Lima. Clara dos Anjos. *In: _____*. *Lima Barreto: obra reunida 1881-1922*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018a. p. 123-133. (Histórias e sonhos).

BARRETO, Lima. Diário Íntimo. *In: _____*. *Lima Barreto: obra reunida 1881-1922*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018. p. 443-669.

BARRETO, Lima. *Contos completos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Organização Lília Schwarcz e notas).

BIASI, Pierre-Marc de. *A genética dos textos*. Tradução de Marie-Hélène Paret Passos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

BORGES, Rosa; SACRAMENTO, Arivaldo. Filologia e edição de texto. *In: BORGES, Rosa et al. Edição de texto e crítica filológica*. Salvador: Quarteto, 2012, p. 15-59.

BOTELHO, Denílson. Livros, leituras e ideias em torno da biblioteca de um escritor negro do rio de janeiro do início do século XX. *In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*, 30. Recife: ANPUH-Brasil, 2019. *Anais eletrônicos...* Recife: Associação Nacional de História – ANPUH-Brasil, 2019.

FREITAS, Henrique. *O arvo e a arkbê: ensaios sobre literatura e cultura*. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2016.

GENS FILHO, Armando Ferreira . Antonio Houaiss, o editor crítico. *Cadernos do Cnlf*, Rio de Janeiro, v. 5, p. 23-33, 2000. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ05_23-33.html>. Acesso 26 set. 2022.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Prefácio [à edição de Clara dos Anjos de 1956]. In: BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2012. p.35-47.

HOUAISS, Antônio. Preparação de originais. In: *Editoração hoje*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1981. p. 57-58.

RESENDE, Beatriz. Em defesa de Clara dos Anjos. In: BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2012. p. 9-24.

SACRAMENTO DE SOUZA, Arivaldo. Quais são as Claras dos Anjos de Lima Barreto? sobre crítica textual, crítica literária e decolonialidade filológica. In: SOUZA, Risonete Batista de (et al.). *Filologia em diálogo: descentramentos culturais e epistemológicos*. Salvador: Memória & arte, 2020.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *Lima Barreto: triste visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SPINA, Segismundo. *Introdução à Edótica: Crítica Textual*. São Paulo: Cultrix, 1977.

Recebido em: 28/09/2022.

Aprovado em: 20/03/2023.